O pornoerotismo do Caderno rosa: *um pequeno dossiê*

Potiguara Mendes da Silveira Jr. (org.),
Clarice Fernandes,
Érica Cristina Procópio Campos,
Flávia Vilela
Iara Marques do Nascimento

Comecemos mencionando o fenômeno editorial do livro (já traduzido nos EUA e América Latina) de Bruna Surfistinha (2005), garota de programa egressa da classe-média e tornada ídolo de adolescentes escolarizados ao relatar suas aventuras sexuais *online*. Em seu blog, diz ela coisas do tipo: "Antes de me criticarem, por favor me superem"[1] Bruna é um bom exemplo da passagem da pornografia, de item proibido e não socialmente aceito, a segmento de mercado igual a outros. Como esta passagem se inclui num conjunto de atitudes antes impensadas, mas hoje bem disponíveis, interessou-nos repertoriar alguns elementos envolvidos nesse momento de proibição / permissão da pornografia no Brasil[2].

Para tanto, tomemos Hilda Hilst (1930-2004), escritora reconhecida e premiada, mas pouco lida, que, no final dos anos 1980, decide escrever textos pornográficos como "uma coisa que, de repente, eles gostassem de ler". Sua decisão foi de "fazer umas coisas porcas" (Hilst, 1999: 30) para ser consumida. Publica, então, em 1990, *O caderno rosa de Lori Lamby*, livro que não vendeu o que ela esperava, embora lhe tenha trazido certa visibilidade midiática, e que nos serve de referência para algumas observações quanto ao ambiente midiático de então e suas conseqüências.

Brasil: 1970-1990

Em 1973, o filme *Vai trabalhar vagabundo*, de Hugo Carvana, apresenta uma cena que podemos tomar como um ponto, se não inicial, pelo menos bastante notável e de não-retorno quanto ao que acontece depois em nossa cultura de massa. A câmera percorre casas de uma favela do Rio de Janeiro ao som da música *Flor da idade,* de Chico Buarque, com os seguintes versos:

> Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
> A armadilha
> A mesa posta de peixe, deixa um cheirinho de sua filha
> Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
> Que maravilha!

É, em seu nascedouro, um ótimo exemplo de som, visão e olfato brasileiros da explicitação do apagamento das fronteiras – entre público / privado, casa / rua, morro / asfalto – que, já avançada em outros países, urgia ser processada (mental, social e esteticamente) aqui. A partir de então, só cresce o movimento de exposição generalizada que se amplia e se aperfeiçoa com o desenvolvimento tecnológico dos meios de captação e difusão de textos, imagens e sons.

Dezessete anos depois, em 1990, temos o espetáculo da morte do esquálido Cazuza (nascido em 1958) e a AIDS não mais pode ser ignorada. Ao contrário, ela obriga a falar do sexo e de sua prática como algo a ser tecnicamente considerado – caso contrário, estava evidente que seu lado letal prevaleceria. Desde 1982, quando é diagnosticado nos EUA o paciente zero da futura pandemia do "câncer gay" (Barabási, 2002: 123), a rede dos infectados e/ou mortos já somava alguns milhões pelo mundo. E Hilda – que, em 1963, abandonara sua intensa vida social (e sexual) e passara a dedicar-se exclusivamente à produção de sua obra – é exemplar ao captar com acuidade esse momento de consolidação, no Brasil, do entendimento da crise dos fundamentos e da queda das fronteiras que muito contribuíram para o esmaecimento de diferenças até então supostamente claras como aquela entre pornografia e erotismo. Esmaecimento este visível em países com mercado pornográfico desenvolvido e cuja estética já se estendera ao *mainstream*. Aqui, a década de 1990 é quando todos, consciente ou inconscientemente, se dão conta de que não é mais possível alegar inocência em relação a nada – escândalos político-financeiros, atos terroristas, cinismos familiares, práticas sexuais heterodoxas, balas perdidas, etc. –, pois,

para bem ou para mal, eram planetariamente partícipes e concernidos num mundo nunca antes experimentado assim.

Um fato pornoerótico

Hilda, como dissemos, expõe uma passagem entre dois campos supostamente opostos – pornografia e erotismo –, mas bastante emblemáticos do que ocorria no panorama chamado pós-moderno, o qual, à época, ainda não mostrara muito sua versão brasileira. Sua originalidade não está apenas em expor – isto Nelson Rodrigues já fizera –, mas sobretudo em expor-se nessa mostração[3]. Podemos dizer que ela, ficcionalmente, constrói um generalizado *reality show* recheado de situações das quais, queiramos ou não, nos sentimos participando de algum modo. Se o que cantava Chico Buarque nos anos 1970 ainda podia ser relegado a acontecimentos circunscritos ao ambiente das favelas, no *Caderno rosa* tudo se passava num lar de classe média intelectualizada, onde bandalheira e loucura conviviam e envolviam toda a família.

Assim, para além de lamentar a "superexposição" decorrente do surgimento de um "espaço-tempo tecnológico", como fizera Paul Virilio (1993: 14), ou preocupar-se com simulacros e simulações que aboliriam a transcendência, caso de Jean Baudrillard (1991), Hilda acelera a exposição, a simulação e a imersão num tema – a pedofilia e suas implicações – que afeta a todos e que, enquanto permanecer mal descrito, não poderá ser devidamente tratado. Isto nos interessa, pois, nos detalhes das descrições e na própria estrutura da construção do texto do *Caderno rosa*, em que ficção e realidade se permutam e se esvaziam, podemos destacar o entendimento de que tudo que ocorre ao humano, do vulgar ao sublime, deve ser levado em conta, pois, se lhe ocorre assim, há razões para tal. É a percepção de que é condição primeira entender ao máximo o *como* de um acontecimento se quisermos uma administração mais adequada de seus efeitos e de suas conseqüências eventualmente nocivas.

Querer ser lida pelo grande número é um *fato* criado por Hilda. Mesmo que, depois, dissesse que "foi o único momento em que esperei algo do leitor" (Hilst, 1999: 41), o mais permanente nela sempre foi: "Nunca pensei no leitor. Eu não tenho nada a ver com o leitor" (idem: 40). E mais: "Acho que fiz um trabalho deslumbrante, se entendem ou não, se leram ou não, eu não tenho nada a ver com isso" (idem: 41). Trata-se, pois, de um fato midiático deliberadamente equivocante, um artifício que repercute até hoje e torna espantoso

– se não, aterrorizante – ver como a mídia ainda trata do tema da "pedofilia" sem critérios mais abstraentes. Sob pretexto de alertar a população, o que se busca, na maioria das vezes, é imputar à doença ou ao crime ocorrências que, mesmo envolvendo os menores, dificilmente se encaixariam no item "afeição [*philía*] pela criança". Deixemos isto apenas indicado aqui, pois já tratamos alhures (Silveira Jr., 2006: 133-142)[4].

Quanto à pornografia, a mídia (escrita, pelo menos) tem se mostrado mais desinibida em sua abordagem do que professores e psicanalistas, por exemplo. Um exemplo pode ser visto na notícia sobre o lançamento da tradução do livro de Bruna Surfistinha e do florescimento do segmento "literatura de programa"[5], na qual reporta-se o que uma professora de literatura teria dito: "O livro de Bruna Surfistinha e seus similares não são eróticos, porque a literatura erótica mobiliza a fantasia, o que não ocorre com esses diários das ex-prostitutas". Depois de Freud, é difícil supor que algum texto (ou mesmo qualquer exposição) não mobilize a fantasia. Na seqüência, lemos que "esses livros são moralistas, não têm nada de transgressão". Que sejam moralistas, podemos admitir, mas o que tem transgressão a ver com erotismo? Não podemos hoje pensar para além das considerações de Georges Bataille (1897-1962) sobre o tema, que, mesmo sendo brilhantes e esclarecedoras, são evidentemente datadas[6]? A fantasia expressar-se não implica transgredir nada do ponto de vista próprio da fantasia, mas apenas do ponto de vista de regras culturais eventualmente contrárias às suas manifestações. Tudo que há é manifestação de alguma fantasia, ainda que a de um suposto Deus. E o que, por sua vez, teriam declarado dois psicanalistas citados na matéria soa, no mínimo, ainda mais descabido e, no máximo, desesclarecedor. De que serve afirmar que esses livros são utilizados pelas autoras para "matar" seu lado prostituta? Que "é como se fosse um enterro. A própria escrita deve servir como ritual de purificação. Tem peso simbólico de retomada de sua 'verdadeira' condição"?

Remetemos o leitor aos textos de alunos de Graduação transcritos abaixo, pois lá certamente teremos considerações mais apropriadas quanto ao que é possível pensar sobre essas questões atualmente. São excertos de trabalhos sobre os paralelos entre pornografia e erotismo realizados para a disciplina "Estética e Comunicação de Massa". Os textos consultados foram principalmente: *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst, e *A imaginação pornográfica*, de Susan Sontag. Aí temos melhores testemunhos da repercussão, hoje, do ato de Hilda em expor criativamente, e de modo brasileiro, elementos presentes

em nosso mundo atual de multiacessibilidade das informações:

1. Entre quatro paredes com a luz acesa *(Iara Marques do Nascimento)*

> Nada mais natural que o desejo sexual; nada menos natural que as formas em que se manifesta e se satisfaz.
> Octavio Paz

> ... eu estava gostando muito porque o moço sabe lamber de um jeito tão lindo. Ele também me dá umas mordidinhas e põe só um pouquinho o dedo lá dentro, não muito, só um pedacinho do dedo (...). E foi uma delícia.
> Lori Lamby

> Não existe essa coisa de um livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. E é só.
> Oscar Wilde

As paredes

O Caderno rosa de Lori Lamby é a obra que tornou Hilda Hilst conhecida do grande público. Ela já era aclamada pela crítica, mas desejava vender mais. Se este livro consagra sua fase dita pornográfica e a torna mais conhecida, também causa espanto e indignação em alguns. O *Caderno rosa* é uma mistura de inocência e sexo explícito. O fascínio e/ou a rejeição que despertam nos leitores está, justamente, nesse jogo.

Para entender melhor, devemos tentar delimitar o que sejam erotismo e pornografia – o que não é tarefa fácil. Para muitos autores, o erótico está ligado a sutileza, a apresentação e sugestão do corpo e a sensualidade. Erotismo é "uma forma de estimular o impulso sexual" (Girolamo). Assim, "o texto erótico, se podemos especular, se constituiria em uma forma com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram" (Durigan, 1985: 31).

A pornografia, por sua vez, não sugere contornos ou adornos, descrevendo o ato sexual em si. Mas também é capaz de despertar os sentidos e os desejos do leitor. Sendo "um tipo especial de erotismo, mobilizam-se figuras do imaginário (...) com o objetivo de estimular o desejo, de

fantasiar um relacionamento sexual, em uma masturbação ou mesmo mobilizar-se para uma relação sexual concreta" (Girolamo). Dessa forma, o texto pornográfico "procura induzir o leitor no universo textual, para fazê-lo participar, em busca do prazer, como um dos atores do espetáculo" (Durigan, 1985: 38).

As diferenças mais concretas em relação a estes termos só podem ser percebidas a partir das características psicológicas que cada um comporta e do aspecto estético que desenvolvem. Como afirma Girolamo:

> Na sociedade moderna, a pornografia passou a se diferenciar do erotismo nos aspectos estéticos e éticos, no conteúdo mais explícito da pornografia e mais implícito do erotismo, no reforço pornográfico da relação genital sem envolvimento, sem compromisso e sem afeto, apenas enfatizando o prazer solitário masturbatório, evitando o requinte artístico, a profundidade e o clima de paixão e enamoramento sempre presentes no erotismo.

Percebemos que, segundo esses autores, o erotismo teria a capacidade de despertar o prazer, e a pornografia funcionaria como instrumento, recurso sexual, podendo ou não estar presente. Então, como justificar a existência de uma literatura pornográfica e afirmá-la como arte? Muitos críticos e autores ainda não concebem a pornografia como parte da literatura, mas, por mais "relativamente incomuns que possam ser, existem textos que nos parece razoável chamar de pornográficos – considerando que o rótulo batido tenha algum uso –, aos quais, ao mesmo tempo, não se pode recusar o crédito de literatura séria" (Sontag, 1987: 42).

Então, se a literatura pornográfica "séria" não deixa de incluir textos capazes de despertar o leitor para o sexo, incitando-o a participar da narrativa; e se "os livros considerados pornográficos em geral são aqueles cuja preocupação primária, exclusiva e tirânica é com a descrição de 'intensões' e 'atividades' sexuais" (idem: 69); podemos tomar o *Caderno rosa*, objeto de nosso estudo, como um livro pornográfico – mas, nem por isso, menos erótico.

A luz

Lori tem oito anos e decide escrever um diário. Natural. Pouco

"natural" é o conteúdo do caderninho que ela guarda escondido. Hilda Hilst, a partir de Lori e seus segredinhos, estabelece o teor pornográfico e também erótico da obra. A cada descrição da menina, a autora provoca a excitação sexual do leitor, o que pode ser considerado o primeiro passo da pornografia. Entretanto, como delimitar por aí o pornográfico se um texto "que é autêntica literatura visa excitar da mesma forma que os livros que revelam uma forma extrema de experiência religiosa têm como propósito 'converter'" (idem: 52)? O fato de Lori ser uma criança pode incomodar alguns leitores, e até inibir a excitação sexual, mas sua linguagem sugestiva desperta a imaginação, aflorando o lado erótico, apesar de as descrições serem bem explícitas: "Aí ele só pediu para dar um beijo no meu buraquinho lá atrás, eu deixei, ele pôs a língua no meu buraquinho e eu não queria que ele tirasse língua..."

Nem todos os autores concordam com esta função da literatura pornográfica destacada por Sontag. A escritora Betty Milan, por exemplo, defende que "a literatura erótica não existe para que a sexualidade seja vivida de uma ou de outra maneira, e eu nem mesmo diria que ela existe 'para' que a sexualidade seja imaginada" (1994). O conceito de erotismo usualmente remete a amor puro, a amor como afeto (seja o que for que isto queira dizer), e o relacionamento entre Lori e Abel também absorve estas características. Isto o tornaria mais erótico que pornográfico? Lori chega a dizer (sem querer) que ama Abel, mas sem abrir mão da "pornografia": "Aí eu falei assim, sem querer: eu amo você, Abel. Aí ele ficou com os olhos molhados e disse: eu também amo você, Lorinha, agora dá uma chupadinha no meu Abelzinho".

Milan destaca ainda que:

> (...) a pornografia funciona através da sugestão, enquanto a literatura erótica inflama a imaginação por expor o leitor à sua falta. No primeiro caso, o leitor está sujeito a imperativos, ele é, por assim dizer, objeto do desejo de um outro. No segundo caso, o leitor é entregue pelo texto ao seu desejo, ele é sujeito do próprio desejo.

Na verdade, o *Caderno* possui tanto características eróticas quanto pornográficas. O texto é explícito no que se refere à descrição dos atos sexuais, mas o modo como foi escrito permite ao leitor o uso da imaginação criadora. Ele é

capaz de compor e refletir sobre a cena a partir de suas próprias experiências. Por isso, fica difícil diferenciar erótico e pornográfico segundo a visão de Milan.

Poderíamos perguntar, então, por que não escrever um livro apenas "erótico"? Talvez porque "o erótico e o pornográfico muitas vezes se confundem, já que esbarram em problemas de ordem moral, religiosa e até política, variando de acordo com a cultura e as necessidades dos diversos momentos históricos" (Castello Branco, 1985: 17). Muitas vezes, a sociedade até aceita melhor o pornográfico por ele não misturar o amor puro, da alma, com o sexo. É como se entendesse que, em certos momentos, isto é necessário. Hilda parece saber disto quando declara sua intenção de atrair o maior número possível de leitores, e que, para tanto, vai escrever um texto "pornográfico".

Outra diferença entre os dois gêneros nos é apresentada quando consideramos o significado de cada termo. Erotismo vem de Eros, deus grego do amor, enquanto pornografia vem de *pornos*, que diz respeito às prostitutas. As duas definições estão presentes no texto de Hilst. A prostituição porque Lori é, ou pensa ser, uma prostituta: "Ele perguntou me lambendo se eu gostava do dinheiro que ele ia me dar. Eu disse que gostava muito porque sem dinheiro a gente fica triste..." E o amor porque, como já mencionamos, ela "ama" Abel.

Podemos aproximar o *Caderno rosa* do erotismo pelo fato de uma criança ser a personagem principal. Aos oito anos, a menina que ainda vê graça em tudo, é iniciada no sexo de forma talvez prematura, mas nem por isso menos prazerosa. Lori gosta de cor-de-rosa, usa diminutivos e aumentativos e nomeia os órgãos genitais: "... que ele ia beijar a minha coisinha. Ele começou a me lamber como o meu gato se lambe (...) ele tirou aquela coisona dele, o piu-piu..." Isto afasta o texto da libertinagem pornográfica diretamente inspirada em Sade, embora encontremos resquícios do que é chamado de perversão: "... eu comecei a fazer xixi de tão gostoso. E tio Abel lambia com xixi e tudo (...) e ele quis que eu fizesse cocô em cima dele (...) Aí ele ficou em baixo da minha coisinha e de boca bem aberta, e todo meu xixi ia perto da boca dele..." Ainda assim, vemos que as carícias importam tanto quanto o orgasmo.

Por outro lado, como dissemos, existem características que enquadram a obra como pornográfica. Partimos do fato de que tudo no texto chega ao sexo. Existe o contato físico e o vocabulário pertinente. Podemos dizer que aí, como na definição de pornografia aludida por Sontag, "não existem sentimentos gratuitos ou não-funcionais, não há devaneios, especulativos ou imagísticos, que sejam irrelevantes ao assunto em questão (sexo). (...) aplica-se o critério

de relevância mais estrito possível: tudo deve apontar para a situação erótica" (idem: 70).

E mais, pode-se manter relação com qualquer um, ou qualquer coisa como vemos no conto que Lori ganha do tio Abel, o *Caderno negro (Corina: a moça e o jumento)*. Corina, a personagem principal, mantém relações sexuais com um padre, um homossexual e um jumento, além de Edenir, o narrador do conto.

Para finalizar, avancemos um pouco mais quanto ao que diz Sontag: "Toda pessoa, ao menos nos sonhos, habitou o mundo da imaginação pornográfica por algumas horas, ou dias, ou mesmo por períodos ainda mais longos de sua vida" (idem: 73). Então, se concebermos que o texto pornográfico não é alheio à necessidade humana de transcendência em relação a seus apetites carnais, entenderemos por que, em sua narrativa, não há distinções fixas entre os sexos e passa-se por cima dos preconceitos. Portanto, ao contrário do que gostaríamos de pensar, isto pode funcionar como afirmação e denúncia de que

> (...) a necessidade dos seres humanos de transcender 'o pessoal' não é menos profunda que a de ser uma pessoa, um indivíduo. No entanto, nossa sociedade atende pobremente a tal necessidade. Ela provê sobretudo vocabulários demoníacos onde situá-la e a partir dos quais iniciar a ação e construir ritos de comportamento. Oferece uma opção entre vocabulários de pensamento e ação que não são meramente autotranscendentes mas autodestrutivos (idem: 73).

2. Pornografia x erotismo *(Clarice Fernandes)*

O *Novo Dicionário Aurélio* designa o obsceno como o que fere o pudor, é impuro, desonesto. Assim, obscenidade seria colocar em cena algo que deveria estar escondido. A pornografia é o discurso da obscenidade na medida em que mostra o sexo fora do lugar a ele determinado pela cultura; exibe o indesejável. Indesejável até que ponto se "'o obsceno' é uma convenção, a ficção imposta sobre a natureza por uma sociedade convicta de que há algo vil nas funções sexuais e, por extensão, no prazer sexual"? (Sontag, 1987: 61).

Outros autores sublinham o fato de a pornografia ser consumida, mas

> (...) mesmo sendo produzida para consumo, não pode ser considerada um produto comum. (...) Ao ser consumida

> ela aciona um mecanismo todo particular do ser humano: a fantasia. Apesar de todo esforço das sociedades de massa em direção à homogeneização da sexualidade, podemos supor que cada indivíduo possa se relacionar de modo singular com o material pornográfico. Essa relação consumidor / produto, ou imaginação individual / pornografia, se inscreve no universo do proibido, ou mais especificamente, essa relação vai passar pela forma particular que cada pessoa tem de digerir as proibições, de transgredir. (...) A proibição existe para ser violada. Esse é o ponto de partida dessa reflexão. Por isso, o proibido pressupõe sempre a sua contrapartida oposta e inseparável: a transgressão (Moraes e Lapeiz, 1984: 53-4).

Assim, a forma como a pornografia foi mostrada até agora é aquela mediante a qual a sociedade impõe um valor, o que faz com que ela acabe tendo uma existência apenas negativa. Tanto que o *lugar de fala que diz a pornografia é o lugar da sua ausência.* Por isso mesmo, falar de pornografia é falar de censura. Na verdade, hoje ela já é tida como um meio de expressão com seus direitos garantidos como outro meio qualquer, desde que não seja ou não se torne ilegal, como no caso de envolvimento de crianças ou material ser vendido a menores.

Literatura pornográfica

No século XVIII, há uma popularização da pornografia com a literatura libertina surgida do pacto entre iluministas e romancistas eróticos que lutavam pela liberdade sexual. Para eles, a repressão sexual, sendo contrária à natureza, era também contra a razão. Hoje, a questão é problematizada falando-se de literatura pornográfica enquanto arte. Isto, na medida em que falar de arte como atividade não-humana, como função sensorial (o que é o caso da pornografia), fugiria aos padrões técnicos da literatura tradicional. A questão se agrava quando sabemos que vários clássicos da literatura já foram considerados obscenos e mesmo sumariamente proibidos. Por exemplo: *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *As flores do mal* de Baudelaire, *Ulisses* de James Joyce, *A Terra* de Emile Zola...

Diz Sontag que "o que faz de uma obra de pornografia parte da história da arte (...) é a originalidade, a integridade, a autenticidade e o poder dessa

própria consciência insana" – que se distanciaria de "uma consciência mais conformável à da realidade comum" – "enquanto corporificada em uma obra" (1987: 52). Torna-se, pois, difícil acompanhar tentativas de diferenciação que apregoam que, enquanto a literatura pornográfica mostra tudo, "a literatura erótica é muito mais ameaçadora, porque defende, nas entrelinhas, algo profundamente inquietante, que é a libertação do prazer. Ela é revolucionária pelo fato de colocar a sexualidade em primeiro plano, de inocentá-la, de proclamar sua naturalidade" (Rouanet, 1996).

Ou mesmo quando se afirma que a pornografia atinge o moralismo ao colocar em primeiro plano a estética sexual do homem, pois muitas vezes os textos pornográficos são escritos por homens. Já o erotismo chegaria a desvelar tudo da mesma maneira, mas de forma feminina, sutil e lírica...

Consideramos, pois, que não é o grau de obscenidade, e sim a perturbação que a obra expressa que deve ser avaliado. Ao descartar a distinção entre erótico e pornográfico, somos obrigados a apreciar as obras ditas eróticas ou pornográficas sob outro ponto de vista, pois a sexualidade nos coloca questões que se referem à nossa humanidade e mesmo à nossa desumanidade.

O caderno rosa

Hilda Hilst sempre gerou polêmica, ora pela profundidade de seus escritos, ora pela ousadia. Os mais moralistas dizem que sua literatura é pornográfica. Outros tantos críticos, com visão mais abrangente, rotulam muitas de suas obras como eróticas. A escritora, no entanto, diz que só fala da vida, com todas as suas belezas e mazelas.

Seu livro, *O caderno rosa,* chama a atenção para a estrutura, arquitetada com base na imaginação. Uma criança, na tentativa de ajudar o pai, escritor, a ganhar dinheiro, toma fitas de vídeo e livros que escondiam dela (entende-se aqui pornográficos) e faz uma estória, misturando-a com aquela que o pai estava escrevendo. Assim, surge seu *Caderno rosa.* Em nenhum momento há referências ao nome da narradora, a não ser pelo título; nem de seus pais. Isto cria certo distanciamento. No entanto, a obra tem um poder muito forte de prender a atenção do leitor. Seria a curiosidade do proibido? Do indecente, do pornográfico?

A linguagem predominante é a de uma criança. Chega a nos fazer rir, uma linguagem *bonitinha* em alguns trechos. Não é assim que nos referimos a crianças? Não no que diz respeito ao erótico ou ao pornográfico, como queira. A verdade é que a sexualidade está presente na vida de todos, até mesmo de uma criança. Não estamos aqui discutindo a questão da pedofilia. No final do livro, há um trecho que revela os valores de uma sociedade e a repressão feita à criança quanto à sexualidade: "Ó papi e mami, todo mundo lá na escola, e vocês também, falam na tal 'cratividade', mas quando a gente tem essa coisa todo mundo fica bravo com a gente" (Hilst, 1990: 82).

A imaginação nasce junto com a pessoa, e não se pode tirar isto dela. No *Caderno rosa,* a protagonista joga com sua imaginação o tempo inteiro: "Os meus amiguinhos lá da escola falam sempre dos papi e das mami deles que foram fazer compras, e eu então acho que eles são lambidos todo dia" (1990: 17). Por isso, dizem Moraes e Lapeiz:

> Graças à imaginação, o homem pode sempre ultrapassar todas as fronteiras alcançadas pelo corpo, renovando assim o fogo do desejo com o combustível da fantasia. Esta potência, o fantasiar exacerbado, marca a produção pornográfica de forma específica e singular. Sua característica é a total sexualização da realidade, isto é, a erotização de toda e qualquer percepção que o sujeito tem no mundo, como se fosse um teatro dos seus desejos... É isto que promove a fantasia pornográfica... (1984: 57)

A pornografia traz à tona perguntas e questiona a incapacidade de a sociedade fornecer escoamentos ao desejo. Por que temos desejos? "Quem será que inventou isto da gente ser lambida, e por que será que isto é tão gostoso?" (Hilst, 1990: 14). Se é bom, por que proibir? Onde está a pornografia? Talvez esteja hoje por todos os lados: em casa, na novela, na rua, na escola, na igreja... Mas, certamente, atribui-se a ela o lugar onde não se encontra...

3. Pornografia e condição humana *(Flávia Vilela)*

O propósito de uma definição é enunciar com maior exatidão possível o significado de palavras ou coisas. Os dicionários dizem que

"pornografia" é o caráter imoral ou obsceno de uma publicação, e que material pornográfico é aquele que descreve ou retrata atos ou episódios obscenos ou imorais. Estas definições não ajudam muito, pois conceitos como "obsceno" e "imoral" são bastante vagos no mundo de hoje. Para alguns, Playboy é uma revista pornográfica, para outros, não. Portanto, entender que qualquer avaliação se realiza a partir de valores segundo os quais se julga o que está sendo colocado é perceber a dificuldade de tratar do termo "pornografia" e suas conseqüências.

Buscar compreender a pornografia a partir de perspectivas moralizantes freqüentemente resulta em visões simplificadas, levando a diagnósticos que se limitam a vincular os produtos da imaginação pornográfica a comportamentos psicopatológicos, ou entendê-los apenas a partir dos impulsos de produção e de consumo destes bens. No entanto, a presença constante do ímpeto sexual, bem como de seu escoamento por via pornográfica, pressupõe que a elaboração pornográfica seja também um meio através do qual o homem pode tangenciar as experiências limiares de consciência que vemos apresentadas nas elaborações artísticas.

Atualmente, uma enxurrada de publicações ditas pornográficas pode ser comprada, sem maior problema, em quase todo o mundo. Fato recente, pois anteriormente seria inimaginável que fossem vendidas livremente. Mais ainda, sequer pensávamos que haveria tantas, tão variadas e diversificadas.

Em nossa abordagem d'*O caderno rosa*, de Hilda Hilst, entendemos que a pornografia lida com estados extremos de consciência que estão, em geral, suspensos na vida cotidiana. Isto sem que o confronto com eles deixe de ser constantemente requisitado. Pensamos também que não cabe a padrão estético algum restringir as formas extremas da consciência, pois cabe, sim, à arte investigar estados e aventurar-se a limites desconhecidos.

Lori Lamby: o erótico e o pornográfico

> Pornografia nada mais é do que o erotismo dos outros.
> André Breton

Então, se "pornográfico", segundo os dicionários, aponta para a expressão ou sugestão de assuntos obscenos, assim como para a arte de caráter devasso, capazes de motivar ou estimular sexualmente o indivíduo, "erotis-

mo" é associado ao desejo que comunicaria aos homens sua essencialidade. Seria uma força de atração entre os seres, motivando as artes e a filosofia e promovendo a elevação da alma em direção ao belo, numa transposição do impulso sexual a uma ordem e unidade primordiais. Eros, na mitologia grega, é identificado tanto com Cupido, quanto com uma energia original de ligação entre o céu e a terra. Quando pensamos no pornográfico, pensamos no explícito, incluindo cenas de sexo com requintes de crueldade e sadomasoquismo, e sugerindo o animalesco, a repetição gratuita de cenas de obscenidade e exibicionismo. Já o erótico situa-se no campo da insinuação, do jogo da sedução e da intenção, sugerindo o sentimento. O limite entre os dois parece ser, pois, uma questão de intensidade.

Quando se fala em literatura pornográfica, pensa-se em sugestão e explicitação. Já a erótica trabalharia com a imaginação. No entanto, o erotismo não exclui a excitação do leitor, assim como a pornografia pode ser substrato para a arte. Um mesmo conteúdo, de acordo com o tratamento recebido, pode extrapolar os limites da experiência sexual e se utilizar dela para tratar de algo que a ultrapassa. Não seria, então, mais prudente considerar que erotismo e pornografia não se relacionam de modo excludente, mas são apenas manifestações e gradações de um mesmo impulso?

Ao ler um texto como o *Caderno rosa,* somos confrontados com a realidade sexual, e vemos também que é possível transitar por este espaço com naturalidade e humor. A estória é narrada na primeira pessoa: Lori, uma menina de oito anos que estaria se aventurando eroticamente na vida e na escrita. O livro une o coloquial mais chulo com a poesia mais refinada e relata os desassossegos e confrontos de nossa condição humana. Lori disserta fartamente, e muito à vontade, sobre aventuras sexuais. Seu texto revela as realidades naturais e características que carrega no próprio corpo.

A primeira parte é essencialmente descritiva, sendo interrompida apenas quando Lori fala do pai, apresenta seu dilema e as constantes brigas entre ele e a mãe, as quais se intensificam no decorrer da narrativa. Estas brigas evidenciam a crise do pai em escrever e mostra seus pequenos fracassos a cada vez que a mulher avalia de forma ruim seu trabalho. Como contraponto, temos Lori buscando o significado das palavras e das coisas. Expressões como "buraquinho de trás", "leite", "piu-piu", e de diminutivos como "cacetinha" e "bocetinha" são comuns. Mas, ao contrário da maior parte das personagens ditas pornográficas, Lori apresenta uma personalidade forte que, a todo mo-

mento, se posiciona, age e impõe seus desejos. Hilda, através das atitudes de Lori, nos expõe a situações, que, embora picantes, não descrevem uma vítima da pedofilia a quem são infligidas situações cruéis.

Lori gosta do dinheiro, e diz que não quer que outras meninas saibam o que está escrevendo, pois existem moças mais bonitas e os moços não iriam mais querê-la, deixando-a sem dinheiro. O texto coloca que todos querem mesmo é dinheiro e sacanagem, e que, por isso, acabamos nos prostituindo. No final, a menina até decide dar um presente para o dinheiro, passando-o em sua "xixoquinha" para que ficasse feliz (já que todos ficavam mesmo muito felizes com isso). Vemos, portanto, que Lori faz colocações que surpreendem o leitor, evidenciando percepções livres e interessantes, que quebram a atmosfera rasa da descrição de suas aventuras: "Quem será que inventou isso da gente ser lambida, e por que será que é tão gostoso?"

As dimensões do erótico e do pornográfico se interpenetram. Na verdade, o pornográfico parece, por vezes, atenuado, enquanto o que se apresenta inicialmente de maneira dita erótica chega ao ápice da explicitação. Diríamos, então, que o *Caderno* é "pornográfico", no sentido em que descreve e explora perversões e excentricidades: a insaciável Corina e sua cadeirinha, a pequena Lori e seus amantes, cada qual com seu jeito próprio de desejar a menina... Há um universo de tipos, com convenções de personagens e suas ações. Mas a narrativa e os personagens vão se complexificando fazendo com que o caráter econômico, diretamente orientado para as situações carnais, perca espaço para o humor, para as crises de seu pai e outros temas. Ao expor a ingenuidade / perspicácia da menina, a autora desmascara a hipocrisia que insiste em afastar nossa consciência de realidades como o sexo. Realidades que se tornam banais e tratadas com mais competência se vistas esteticamente (como desejaria um Nietzsche, por exemplo). Portanto, melhor que buscar separar erótico de pornográfico, é tentar entender – como lembra J. L. Mora Fuentes – o que diz Multatuli (1820-1887), escritor holandês contemporâneo de Freud: "É bom manter pura a fantasia das crianças. Mas a pureza delas não será preservada pela ignorância".

O *Caderno* chama a atenção para circunstâncias que existem no cotidiano de todos nós. Em épocas que parecem tão distantes – embora não tanto quanto seria desejável –, certa bibliografia dita "pornográfica" era vendida "às escondidas", depois começou a ser editada em revistas "para homens", eufemismo que indicava a presença de mulheres com pouca roupa em suas páginas. Com o passar do tempo, a flexibilidade dos costumes e o abrandamento da censura,

foi possível escancarar cada vez mais a anatomia feminina. Mais recentemente, também o nu masculino se explicitou... E por aí vai a história. Na obra de Hilda, a poética do explícito é usada de forma inteligente e a narrativa se torna envolvente também por sua veia humorística. Trata-se de um projeto de estrutura e alcance ambiciosos, intelectualmente definido e capaz de situar questões importantes, principalmente no questionamento das condições da sexualidade e da literatura num país como o nosso.

Enquanto criação, a literatura não pode ser reduzida a objetivos tais ou quais. Ela promove a exploração de idéias e de sua própria condição. Falar de pornografia é falar da condição humana, das relações existentes no mundo e à nossa volta. Portanto, sem abandonar o preconceito com a literatura pornográfica – e a pornografia em geral –, não apreenderemos a grandeza do laboratório de conhecimento que é a obra de um Marquês de Sade, por exemplo. E mais, Lori Lamby nos prova que não devemos ter medo de nós mesmos, de nossas verdades e vontades, das características que carregamos em nossos corpo e mente. Se pensássemos "sem pudor" sobre isso, talvez nos conhecêssemos muito mais.

4. A estratégia obscena de Hilda Hilst *(Érica Cristina Procópio Campos)*

Hilda Hilst, por quase 50 anos, escreveu poesia, prosa e teatro. Obteve grande reconhecimento nas três modalidades, tendo sido agraciada com os mais importantes prêmios literários do país. Como, apesar dos aplausos dos especialistas, não recebia atenção do público, decidiu que era hora de enveredar pela obscenidade. Talvez, assim, fosse lida. Se isto já acontecera com gente como Georges Bataille, Henry Miller, D. H. Lawrence, James Joyce e Anaïs Nin, por que não com ela?

Movida por esta decisão, publica a trilogia composta por *O caderno rosa de Lori Lamby, Contos d'escárnio e Cartas de um sedutor*. Se a literatura "séria" não vendia, o grande público não seria espicaçado pela literatura pornográfica? A obscenidade foi propositalmente buscada e chamou as atenções da mídia, mas não era nada fácil compreender como uma notável senhora literária fora chafurdar na pornografia.

Em entrevista ao site WMULHER, ela apresenta seu ponto de vista:

> Alguns críticos que gostavam muito do meu trabalho ficaram decepcionados, achando que eu tinha enlouquecido. Era uma atitude completamente absurda, porque há milênios a Literatura vem abordando a pornografia e o obsceno. Não sei por que tanto espanto, todos temos sexualidade e erotismo, somos seres com esses complementos. Temos sexo, genitália, desejos. Freud já falou disso tudo no começo do século. E passei a ser conhecida como uma escritora erótica, o que é muito estranho, pois dos quase quarenta livros que escrevi, só quatro deles têm esse tipo de abordagem. Pra mim foi uma delícia, uma brincadeira que eu considero de muito bom gosto.

Hilda percebeu, num momento em que a pornografia ainda se escondia, a atração que o gênero provocava. Mas era também o momento em que a pornografia estava num espaço de transição do que se deve esconder para a frente da cena. Portanto, num país onde predominavam "bandalheiras", como ela chamava, só seria lida como desejava aventurando-se no universo pornográfico. Com seu vasto domínio da língua, ela via claramente o que o texto obsceno era capaz de alcançar. Podemos dizer que, para tanto, a autora se encontrava num *ponto de in-diferença*, como chama a Nova Psicanálise, em que as diferenças (não se desfazem, mas) passam a ser equivalentes. Portanto, neste ponto, pornografia não se opõe a seriedade. Sua clareza decorria desta posição que lhe propiciava ver, de fora (porque dentro), o alcance da pornografia. Via como alguém situado na alta cultura e também na cultura de massa, como se estivesse num ponto neutro, em que se está capacitado a ver, ousar prever e arriscar-se nos efeitos tanto de uma esfera quanto da outra. Pode-se definir este momento, como seu sintoma da virada. Em outras palavras, Hilda percebeu como a pornografia poderia fazer surgir uma nova expressão, um novo olhar, ao alcançar explicitamente a cena.

É fato que o que o texto pornográfico ou erótico apresenta depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada. Hilda tinha plena consciência desta relatividade e aos que se mostravam chocados, retrucava: "O que é pornografia, o que é sujo, o que é imundo, porco para você?" Perguntada sobre o que considerava erótico, brincou: "Não sabemos o que é obsceno. Outro

dia entrei no banheiro sem notar que um amigo tomava banho e ri tanto que tive que ser hospitalizada. Pensei: foi por esse detalhe que me emocionei tanto no passado?"

Arrisco-me a afirmar que o objetivo de sua trilogia era, sobretudo, pôr em xeque o próprio conceito de pornográfico. "Na verdade, não se consegue saber o que é pornográfico", argumentava Hilda referindo-se ao *Caderno rosa*. Lori Lamby, garotinha "autora" de uma série de aventuras sexuais, era, segundo ela, absolutamente inocente. Além disso, a trilogia não passava de refinada estratégia para chamar atenção do público. Mas Hilda buscava mais. A um estudante de artes cênicas, que foi cumprimentá-la por um dos livros da trilogia, ela perguntou: "Você sentiu tesão? Se não sentiu, não valeu nada". Ela queria atingir o leitor em todos os níveis: intelectual, sensorial e, por que não?, sexual.

Uma marca comum a todos os seus textos, independentemente de seu estado de fragmentação, estranheza e irreverência, está em sua peculiar comunicabilidade. Embora tenha se preocupado com expressar uma experiência, esta não se dava a partir de um dado exterior, mas de um percurso interno (daí os constantes fluxos de consciência). Nessa viagem pelos meandros do ser, se podemos dizer que não procurava nada nem ninguém, também podemos supor que procurava tudo em todos. Noções místicas se misturavam a vulgares considerações corporais.

Seu texto se assemelha ao discurso de um louco, mas no sentido daquele que atingiu um agudíssimo grau de percepção, que precisa ser comunicado de modo igualmente complexo. Podemos perceber, então, o quão difícil é, por vezes, ser compreendido. Somem-se a isso as referências filosóficas, mitológicas e religiosas que se aliam a esse fluxo desvairado, porém finamente regrado, de consciência e às constantes quebras de narrativa, em que, ocasionalmente, são inseridos trechos poéticos ou diálogos dramáticos, à feição de uma peça de teatro.

É no refletido afã de expressar tudo, de todas as formas, que pensamos que deve ser entendida a estranha comunicabilidade dos textos de Hilda. Se o público se afasta da ficção "séria" ou não chega a seus livros de poesia, por que não estimulá-lo por via do sexo, e mesmo do sexo explícito? Afinal, o que a autora pretendeu descrever é apenas mais uma faceta do humano, do demasiado humano.

Notas

1. Citado em Trigo, 2006.

2. Este artigo retoma alguns pontos de outro texto sobre Hilda Hilst (inédito), em que o organizador aprofunda e desenvolve as questões aqui mencionadas.
3. A quarta capa do livro reproduz um retrato seu aos seis anos (de 1936) com a legenda: "Ela foi uma boa menina".
4. Cf. versão online, publicada no *Observatório da Imprensa*, em 31 junho 2002:
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/ofjor/ofc310720024.htm_
5. "Literatura de Programa". Reportagem de Laura Mattos, publicada na primeira página do caderno "Ilustrada", Folha de São Paulo, 03 set. 2006, p. E1 e E3.
6. Cf. (Magno [1996]: 73 e 75): "Na pág. 250 de L'Érotisme (O Erotismo) [texto de 1957], vol. X da edição Gallimard de suas *Obras Completas,* ele diz que '... o erotismo difere da sexualidade dos animais no que a sensualidade humana é limitada por *proibições* e no que o domínio do erotismo é o da *transgressão* dessas proibições. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa das proibições' [grifos meus]". Ao que Magno comenta: "Não vamos confundir a extrema riqueza de determinadas formações etológicas, a extrema possibilidade até mesmo de aprendizado, com o recurso possível à hiperdeterminação que indiferencia. Não é que ela supere ou transgrida, e sim que indiferencia e lança nossa formação erótica (ou qualquer outra) para qualquer lugar, para qualquer recanto das possibilidades do Haver. [...] Para nós outros, supostamente humanos, não há programa obrigatório".

Referências bibliográficas

ALBERONI, Francesco. *O erotismo.* Trad. Élia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
BARABÁSI, Albert-Lázló. [2002] *Linked. How everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life.* Nova York: Plume, 2003.
BARROS, André Luiz. *Obscena senhora.* Jornal do Brasil, Caderno B, 19 set. 1995.
BATAILLE, Georges. [1957] *L'Érotisme.* Oeuvres Completes, vol. X, Paris: Gallimard, 1987. p. 7-270.
BAUDRILLARD, Jean. [1981] *Simulacro e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Eros travestido*: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
DURIGAN, Jesus Antonio. *Erotismo e Literatura.* Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.
FUENTES, J. L. Mora. *O Caderno Rosa de Hilda Hilst.*
http://www.angelfire.com/ri/casadosol/hhilst.html
GIROLAMO, Fabiano Puhlmann Di. *Erotismo e pornografia.* s/d
http://www.revistapsicologia.com.br/materias/pontodevista/erotismo_porno.htm
HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Massao Ohno, 1990.
_____. *Cadernos de Literatura Brasileira.* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999. n° 8, out.
_____. *Cult: Revista Brasileira de Literatura.* São Paulo, nº. 12, jul. 1998.

p. 6-15
HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
MAGNO, MD. [1996] *Psychopathia Sexualis.* Santa Maria: Ed. UFSM, 2000.
MILAN, Betty. *Betty Milan busca Eros na delicadeza*. Folha de S. Paulo, Mais!, 31 jul. 1994.
MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia.* Coleção Primeiros *Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.*
ROUANET, Sérgio Paulo. In: Figueredo, Cláudio. *Estudiosos redescobrem libertinos do século 18.* Jornal do Brasil, Idéias, 20 jan. 1996, p. 5.
SURFISTINHA, Bruna. *O doce veneno do escorpião.* São Paulo: Panda books, 2005.
SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. *Artificialismo Total.* Ensaios de transformática. *Comunicação e psicanálise.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: *A vontade radical.* Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1987. p. 41-76.
TRIGO, Luciano. *Uma heroína de nosso tempo.* Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 12 abr. 2006.
VIRILIO, Paul. [1984] *O espaço crítico*; e as perspectivas do tempo real. São Paulo: 34, 1993.

Resumo

Coleta de alguns elementos componentes do momento da passagem da pornografia de item proibido a permitido no cenário cultural brasileiro de 1970 a 1990. Hilda Hilst, criadora de um fato midiático esmaecedor das fronteiras entre pornografia e erotismo. Depoimentos de estudantes sobre a repercussão, hoje, da obra "pornográfica" de Hilda Hilst.

Palavras-chave
Mídia; Pornografia / erotismo; Teoria da comunicação.

Abstract
Collection of some elements present in the moment of transition of pornography from a forbidden to a permitted condition in Brazilian cultural scene from 1970 to 1990. Hilda Hilst, one of the most important Brazilian writers, creator of a mediatic fact which blurs the boundaries between pornography and eroticism. Students' statements about the repercussion of Hilda Hilst's "pornographic" works nowadays.

Key-words
Media; Pornography / eroticism; Communications theory.